

No início da década de oitenta, um auto-proclamado grupo de vigilantes percorria as estradas do Porto Santo, com o propósito de defender a terra. Duas décadas depois, os “Cães da Noite” regressam do “país das lendas” num relato na primeira pessoa.

Dogs

Texto de Gonçalo Nuno Santos
Fotografia A. Spínola/DR/DN-Arte

Porto Santo, início dos anos 80 do século XX. Um auto-proclamado grupo de vigilantes percorria as estradas de pó e acreditava defender a terra. Durante dois anos, as cenas de pancadaria multiplicaram-se, com a cumplicidade das autoridades locais. Dezenas de pessoas foram atendidas no Centro de Saúde, algumas com ferimentos graves. A fúria dos “Cães da Noite” assumiu contornos de lenda.

O texto que se segue foi construído com base em depoimentos do auto-proclamado líder do grupo, do então chefe da Esquadra da PSP do Porto Santo, e no relato de uma agressão.

Eis os “Cães da Noite”.

Um corpo, um polícia, os agressores e os cúmplices

O pó levanta, e depois assenta devagar enquanto as motorizadas se distanciam e um corpo se tenta erguer, sangue na boca, mãos trémulas, olhos cerrados.

Filipe “China” – «Tinha 19 anos e era líder do grupo. Éramos todos líderes e andávamos com motas sem matrícula,

pintadas de preto até os faróis eram pretos. Com t-shirts brancas a dizer “Cães da Noite”».

O corpo ergue-se. Limpa a boca com a manga da camisa e ruma ao centro da vila. Um copo de vinho do Porto Santo, forte “c'ma lume”, e as dores passam.

Filipe “China” – «Éramos um grupo de dez e batíamos “forte e feio”. Até filhos de políticos chegaram a apanhar».

(Carlos Martins comandava a esquadra de então)

Chefe Carlos Martins – «Nunca tivemos problemas com os “Cães da Noite”. Eram rapazes novos, que se metiam em algumas confusões, mas não roubavam nada a ninguém».

Filipe “China” – «Íamos à esquadra quase todos os dias. O nome “Cães da Noite” foi-nos dado por um chefe que esteve aqui no Porto Santo antes do chefe Carlos. Ele apanhou-nos na esquadra tantas vezes que um dia disse que éramos piores que cães da noite. Dito e feito. Um de nós foi ao Funchal e encomendou as t-shirts brancas, com letras pretas».

O corpo conhece a contradição. Sabe dos

apertos de mão na esquadra, da fraqueza da polícia. Sabe que um copo de vinho do Porto Santo, forte “c'ma lume”, contorna a dor e enfraquece a memória.

Chefe Carlos Martins – «Eles, (os “Cães da Noite”) eram rapazes de cá e, já se sabe, não gostavam que viesse gente para o Porto Santo e se portasse mal».

Filipe “China” – «Às vezes, depois da porrada, depois de saírem do centro de saúde com a cabeça rachada, eles iam para apresentar queixa, só que nós chegávamos à esquadra e o chefe dizia-nos para apertar as mãos. Resolvia-se tudo. O chefe Carlos acalmava aquilo. Depois, como a gente andava sempre aí, víamos o que se passava e dávamos umas informações à Polícia. Uma vez, descobrimos uma garagem onde uns “gajos” da Madeira escondiam as motas que roubavam no Porto Santo».

Filipe “China” – «Metíamo-nos em cada “alhada”! Na altura, não havia Tribunal. Hoje é pior, se um gajo faz merda amanhece com o juiz. Mas nesse tempo não. Quando a coisa “tava” mais negra, quem nos salvava a pele era o sr. Jorge de Freitas, que era presidente da Câmara. Falávamos com ele e ele resolvia o